

Reencarnação no Pentateuco

Um dos graves problemas que trazem as teologias dogmáticas é fazer com que as pessoas percam completamente o senso crítico, passando a aceitar tudo que lhe dizem sem o mínimo questionamento. O Espiritismo, ao contrário, incentiva a análise crítica de tudo, exatamente como recomendou Paulo: *"Examinai tudo e retende o que é bom"*. (1Ts 5,21).

Vejamos essa passagem:

Iahweh! Iahweh... Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade; que guarda sua graça a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado, mas a ninguém deixa impune e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos até a terceira e a quarta geração. (Ex 34,6-7). (ver tb Ex 20,5-6 e Dt 24,9-10).

Quem é *"ternura e piedade"* imputaria um castigo ao inocente no lugar do verdadeiro culpado? Como alguém *"rico em graça e fidelidade"* penalizaria os filhos pelos erros de seus pais? Se se *"tolera a falta, a transgressão e o pecado"*, como, diante disso, ainda se fala em castigo eterno? Se *"a ninguém deixa impune"*, como alguém pode dizer que os erros estão simplesmente perdoados ou foram redimidos? Quando se *"castiga a falta dos pais nos filhos"*, como fica a questão da justiça? Apesar de ser *"lento para a cólera"*, como não falar em vingança se o castigo se estende *"até a terceira e quarta geração"*?

Será que a teologia tradicional conseguiria, usando argumentos coerentes, explicar todos esses questionamentos? Acreditamos que não. Tentariam, é claro, mas usando de sofismas, que poderiam convencer só os néscios. Entretanto, longe dela, podemos encontrar explicações razoáveis para tudo isso, sem perdermos o senso de lógica.

Para nossa análise do castigo partiremos da seguinte questão: Como, por ele, se poderia atender simultaneamente a tudo quanto foi questionado, sem a mínima contradição?

Antes, diremos que a mudança de uma preposição é que coloca todo o texto em conflito; mas, se a mantivermos como deveria ser, então as coisas irão facilmente se encaixar. Estamos falando da preposição *"até"* que, segundo os mais entendidos, foi colocada no lugar de *"na"*, alterando o significado do texto original, para fugir, qual diabo da cruz, de um princípio que condiz plenamente com a justiça divina, mas que entra em conflito com os dogmas impostos pelos teólogos do passado.

Então o trecho ficaria assim: *"castigo a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos na terceira e quarta geração"*; isso nada mais é que o princípio da reencarnação, escamoteado por interesses escusos. Qualquer um de nós pode muito bem, pela reencarnação, nascer como seu neto ou bisneto, ficando justo o castigo, pois, na verdade, está se atingindo o verdadeiro criminoso, agora encarnado como um de seus descendentes.

Observar que, de acordo com o que estamos pensando, o texto não ficaria em contradição com:

"Sim, a pessoa que peca é a que morre! O filho não sofre o castigo da iniquidade do pai, como pai não sofre o castigo da iniquidade do filho: a justiça do justo será imputada a ele, exatamente como a impiedade do ímpio será imputada a ele". (Ez 18,20).

Por outro lado, haveria plena concordância com tudo quanto está se falando de Deus, porquanto, Ele é realmente um Deus *"de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade"*. O que faz também a questão da *"tolerância da falta, da transgressão e do pecado"* ficar clara; mas, devemos convir que tolerância não implica em perdão puro e simples, pois seria contrário à afirmativa de que Deus *"a ninguém deixa impune"*. Haverá, sim, por questão de justiça, o castigo. Entretanto, este terá que se harmonizar com o que já foi dito. O castigo divino deverá ser entendido como algo que tenha objetivo corretivo-educativo, buscando, dessa forma, o nosso aprendizado espiritual, conduzindo-nos à evolução e não como algo apenas de conotação punitiva.

Assim, caro leitor, a única coisa que pode atender à passagem analisada é o princípio da reencarnação, que, apesar de ser um ensinamento claro de Jesus, ainda é negado pela liderança religiosa, que parece não estar muito preocupada em "*juntar tesouros nos céus*", mas prefere isso sim juntar os daqui da Terra mesmo. "*Pai, perdoai-lhes, pois não sabem o que falam*" (Lc 23,34), diria Jesus a eles.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Jan/2006

Referência bibliográfica:

Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.